

Les Portugais du Luxembourg. Questions sur la transmission intergénérationnelle de la langue et de la culture d'origine

SARAH VASCO CORREIA

Luxembourg: Éditions d'Letzebuurger Land, 2013, 258 p.



A imigração portuguesa revisitada

A propósito da publicação do estudo de Sarah Vasco Correia,¹ prémio da Fundação Robert Krieps, sobre a transmissão do português entre os imigrantes e seus descendentes, ocorre-nos esta meditação de Agustina Bessa-Luís: «Não há melhor memória do que a que nos consola de não a deixarmos aos outros.»

O estudo resulta de um projeto académico, uma série de entrevistas a membros de duas gerações, com cinco temas: 1 percursos de imigração, socialização e escolaridade, férias e lazer; 2 os primeiros anos no Luxemburgo; 3 estado atual e relacionamento pais-filhos; 4 ligações a Portugal; 5 práticas e competência linguística, a atitude em relação ao português e às línguas no país de acolhimento, valores associados às línguas e mercado de trabalho. Sarah quis, e bem, em «uma aproximação pessoal, motivada e com paixão» (p.14), através da análise de conteúdo e do estudo comparativo, valorizar as suas histórias de vida; dar-lhes voz. Propõe-se compreender em que medida o seu grau de integração tem consequências na transmissão da língua e cultura de origem de uma geração para outra, de como isso afeta o seu sentimento de pertença e de identidade, as suas representações e práticas socioculturais, para «desmistificar

¹ Sarah Vasco Correia, *Les Portugais du Luxembourg. Questions sur la transmission intergénérationnelle de la langue et de la culture d'origine*. Luxembourg: Éditions d'Letzebuurger Land, 2013, 258 p.

a imagem do imigrante pobre, no fundo da escala social; ver na sua epopeia familiar mais uma riqueza do que uma situação de partida problemática para resolver.» (p.33)

Os entrevistados imigram nos anos 1967 e 1989. Os filhos têm entre os 17 e os 43 anos. Amostra heterogénea. Questiona-se a identidade, os sentimentos de pertença, mitigados e contraditórios, por ex., na entrevista a IF5: «nem sei explicar / até acho que sou tudo / acho que sou francesa / sou portuguesa / (...)»; «olham-vos de alto a baixo» IIM7; na escola luxemburguesa há «du Gual; du Gies»; importa aprender o português «para falar com a família.» IF4

Há discursos sobre pobreza e poupança, sacrifício e privações, frugalidade e consumismo, valorização da família, das tradições, do dinheiro e do trabalho, do ter em lugar do ser, da representação permanente, para gerir «os *apriori* em relação ao estrangeiro» (p. 222). Os pais projetam nos filhos sonhos, como se fossem os *Gaibéus* (1939), de Alves Redol, «homens que nunca foram meninos». Poder-se-ia dizer, ao jeito do filósofo Montaigne, «mon histoire, c'est ma vie (...)» (p.218), mas nem sempre a sua história é contada. Faz-se mutismo. A autora propõe que se valorize a imigração como «uma força e um ativo.» (p. 241)

A conclusão vem em um só parágrafo (pp. 253-254). A integração pressupõe perdas e ganhos. Há «os riscos de uma assimilação progressiva» (p. 251), do bi-culturalismo ou da aculturação; um sentimento contraditório, por vezes difícil de gerir entre a segunda geração, quase shakespeariano, de ser e não ser memória e afetos, diga-se, as desordens e o vazio, para lá da evidência que o sistema educativo público luxemburguês não responde às necessidades de formação das gerações estrangeiras.

A autora admite que as origens da imigração portuguesa remontem ao séc. XVII, com expressão a partir dos anos 1960 (p.61). Mas uma coisa é falar-se da presença portuguesa na Flandres, através de pequenas cortes e casamentos dinásticos, outra, da atividade comercial de mercadores e feitores portugueses, no período dos Habsburgos Espanhóis, mais tarde, na Holanda, com os judeus e conversos portugueses, outra, de imigração portuguesa contemporânea. O fenómeno migratório de massas é contemporâneo; o de indivíduos, ou grupos minoritários, é ancestral.

Da bibliografia não constam fontes em português, o que é estranho para um estudo, com mérito, sobre imigração portuguesa; nem a antologia *Retour de Babel – Itinéraires, Mémoires et Citoyenneté*, (2007), com abundante documentação e testemunhos de quem fez a experiência imigratória entre gerações. Outro recurso sugestivo, não explorado, é a própria literatura por géneros.

*António de Vasconcelos Nogueira**

* Investigador. Membro do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro (CLLC).